



Revista Brasileira de Ciências Sociais
Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
<http://www.anpocs.org.br/>
ISSN: 0102-6909
BRASIL

2001

Monique Augras

RESEÑA DE "MITOLOGIA DOS ORIXÁS" DE REGINALDO PRANDI

Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 16, junio, número 46
Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
Brasil
pp. 173-174.



Red de Revistas Científicas de América Latina y El Caribe
Ciencias Sociales y Humanidades
<http://redalyc.uaemex.mx>

Os deuses que dançam em São Paulo

Reginaldo PRANDI. *Mitologia dos orixás*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001. 624 páginas.

Monique Augras

Este livro estava fazendo falta. Nele, Reginaldo Prandi, conhecido especialista do campo afro-brasileiro, nos apresenta uma soma de mitos ilustrativos da significação de cada um dos orixás que hoje dançam nos terreiros brasileiros. Consegue harmonizar erudição e recriação poética ao transcrever, em poemas de versos livres, histórias recolhidas ao longo da pesquisa de campo e lendas encontradas nos textos dos estudiosos.

A obra se situa, por assim dizer, na dobradiça que une tradição religiosa e produção acadêmica, transmissão oral e registro escrito. Assim fazendo, Reginaldo Prandi toma clara posição entre os autores que, sem deixar de homenagear o valor e o peso das referências africanas, vêem o candomblé como uma religião em franca expansão e permanente transformação, na qual novos mitos e ritos podem estar surgindo e merecem o registro, com a mesma legitimidade que outrora — em evidente ilustração da permanência, entre os cientistas sociais, do “ídolo das origens”, como dizia Marc Bloch — se atribuíam exclusivamente às “raízes africanas”.

A questão das fontes das informações compiladas pela equipe coordenada por Prandi ao longo de vários anos é por ele tratada com peculiar sutileza, ao referir-se ao material proveniente dos cadernos redigidos por iniciados de alta patente. Esses cadernos continham recomendações referentes aos diversos rituais de oferenda, bem como a narrativa dos mitos que lhes davam sustento. Ainda que sempre aludidos de forma mais ou menos sigilosa, há muito tempo circulavam entre os terreiros e parte do seu conteúdo há muito também já havia sido publicada por diversos pesquisadores. É com muito tato e delicadeza que o autor se esforça em situar os empréstimos — nem sempre claramente assumidos — e deslindar os

caminhos ao longo dos quais os ensinamentos de uma das mais ilustres mães-de-santo da Bahia se foram transmitindo e transformando. Tal sutileza, diga-se de passagem, faz também parte do estilo próprio do povo-de-santo, apreciador de comentários intrigantes sobre a fundação dos terreiros, o comportamento dos seus dignitários e a constituição das famílias-de-santo.

O livro pode ser lido, portanto, em vários níveis. Primeiro, o acadêmico, com o levantamento quase exaustivo dos autores que transcreveram mitos referentes aos orixás na Nigéria, no Benin, em Cuba e no Brasil. Cada mito relatado no corpo do texto remete a uma nota que, no fim do volume, analisa criticamente as fontes e as diversas versões. Do mesmo modo, as fontes orais são minuciosamente estipuladas, bem como a identificação dos terreiros de São Paulo onde foi realizado o trabalho de campo. Um glossário completa a informação etnológica.

Mas pode ser visto também como uma tentativa, particularmente bem-sucedida, de divulgação de importante vertente da cultura brasileira. Para o público mais amplo, “mitologia” remete quase que exclusivamente à mitologia *grega*, ou romana. Os dicionários de alcance geral reforçam essa percepção: “*Mitologia*: História fabulosa dos deuses, semideuses e heróis da Antiguidade.” (*Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, São Paulo, Abril Cultural, 1971). É, claramente, da “Antiguidade” clássica que se trata, a verdadeira, a que legitima a cultura ocidental... Quantas vezes, ao ministrar alguma palestra para pessoas esclarecidas da boa sociedade, não ouvi a observação maravilhada mas um tanto perplexa: “Mas é tão bonito quanto os Gregos!”. É tão bonito quanto, é verdade. E não será um dos menores méritos de Reginaldo Prandi o de apresentar, sob forma literária, sem dúvida mais palatável do que os nossos costumeiros tratados de Antropologia, uma soma tão extensa e completa das lendas dos orixás.

Em sua avaliação aguda e crítica do papel dos pesquisadores em relação ao seu campo de investigação, Roberto Motta costuma sublinhar que nós, os acadêmicos, somos os teólogos dessa religião de transmissão oral e que os mitos transcritos e organizados por nós não deixam de ser, em certo

sentido, obra nossa. Mas não podemos esquecer que a própria mitologia grega, tal como a conhecemos, tampouco retrata o nível cotidiano e concreto dos rituais, ou as crenças vivenciadas por sacerdotes e devotos. O que temos são obras de intelectuais, poetas e autores trágicos, que deram forma ao material que os rodeavam e, provavelmente, o interpretaram. Daí a sua forma acabada e a coerência do seu conteúdo. *Mutatis mutandis*, algo parecido pode ser dito a favor do empreendimento de Reginaldo Prandi. É obra de um intelectual, de um cientista social, mas é também, assumidamente, uma produção poética, nas entrelinhas da qual é também permitido perceber os ecos de uma vivência religiosa.

E tal como já tivemos todos a oportunidade de verificar, o campo não se mantém passivo diante da nossa produção. Sabe muito bem utilizá-la em proveito de sua sobrevivência no seio da sociedade mais ampla. Há um diálogo constante entre pesquisadores e pesquisados e, além do mais, como bem o sublinha o autor, o povo-de-santo se move doravante dentro do mundo do escrito, com livros publicados por sacerdotes e sacerdotisas. A mitologia aqui organizada e formatada terá, sem dúvida, certa influência sobre a maneira como, daí por diante, será transmitido para os noviços o acervo do “conhecimento necessário para o desvendamento dos mistérios sobre a origem e o governo do mundo dos homens e da natureza, sobre o desenrolar do destino dos homens, das mulheres e das crianças e sobre os caminhos de cada um na luta cotidiana contra os infortúnios.” (p. 17).

É portanto um mundo reencantado que o livro apresenta, e o encantamento se expressa também no plano visual, pois a transcrição dos mitos vem precedida de um ensaio fotográfico que introduz o leitor no mundo dos deuses que dançam. Tal como o texto, a parte iconográfica pode ser entendida em vários níveis: o do simples deleite – o interesse estético sempre me pareceu um aspecto relevante na motivação da assistência às festas de candomblé –; o da análise dos diversos elementos que se combinam na indumentária e nos paramentos dos orixás, de um referencial barroco inspirado das vestes litúrgicas do catolicis-

mo pré-Vaticano II até a reinvenção de enfeites africanos; e sobretudo o da visualização dos próprios mitos. Pois a apresentação das fotos tiradas no decorrer do trabalho de campo não segue apenas a ordem do *xirê* (sucessão usual da manifestação dos orixás ao longo da festa), mas ilustra também a diversidade das “qualidades” de cada um dos deuses, e sem dúvida o leitor afeito à freqüentação das casas-de-santo deliciar-se-á em reconhecer, no virar da página, uma forma particularmente gloriosa do seu santo-de-cabeça, ou em identificar a *mise-en-scène* sagrada de um mito que lhe seja particularmente caro, como o de Xangô carregando o pai nas costas...

Mesmo porque, além de todos os brilhantes aspectos acadêmicos e etnográficos do livro, *Mitologia dos orixás* é também, claramente, a expressão de uma vivência religiosa, nesse jogo de segredo ao mesmo tempo revelado e disfarçado que, com a sabedoria aprendida nos próprios terreiros, Reginaldo Prandi coloca, desde as suas primeiras palavras, sob a proteção do Senhor da Transformação, fiador da comunicação entre todas as dimensões do mundo e entre todos os seres que nele vivem, sejam homens ou deuses.

MONIQUE AUGRAS é professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).